

Esta obra não pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer processo à excepção de excertos para divulgação. Reservados todos os direitos, de acordo com a legislação em vigor.

No 11º número da NOVA ÁGUIA, assinalamos uma mudança na Direcção da Revista. De forma inteiramente amigável, Celeste Natário solicitou a sua substituição, procurando assim ter mais tempo para se dedicar a outras iniciativas – aproveitamos a oportunidade para lhe agradecermos tudo o que fez pela NOVA ÁGUIA, desde o seu primeiro voo, e para lhe garantirmos que as nossas portas estarão sempre abertas para outros voos em comum. Para o seu lugar, entrou Luísa Janeirinho, Presidente da Sphaera Mundi: Museu do Mundo, que partilha com o MIL: Movimento Internacional Lusófono a sua nova sede, inaugurada a 8 de Janeiro do presente ano no Palácio da Independência, em Lisboa. Por via dessa nova parceria, essa passará igualmente a ser a sede institucional da NOVA ÁGUIA.

TÍTULO

Nova Águia – Nº 11 – 1º Semestre 2013

AUTORES

Vários Autores

DIRECÇÃO

Renato Epifânio, Miguel Real e Luísa Janeirinho

FOTOGRAFIA DA CAPA

Tiago Sobral Cunha

ILUSTRAÇÕES (INTERIOR)

Joaquim Carvalho, Délio Vargas, Ruela, Carlos Aurélio e António Manuel Couto Viana

EDITORES

Alexandre Gabriel & Sofia Vaz Ribeiro

1ª EDIÇÃO: Março de 2013

ISBN: 978-989-677-102-7

ISSN: 1647-2802

DEPÓSITO LEGAL: 276 328/08

IMPRESSÃO: Caflesa

© 2013, Nova Águia & Zéfiro



Zéfiro – Edições e Actividades Culturais, Lda.

Apartado 21 – 2711-953 Sintra – Portugal

EMAIL: zefiro@zefiro.pt

WWW.ZEFIRO.PT

ÍNDICE

EDITORIAL 5

O MAR E A LUSOFONIA – “DA MINHA LÍNGUA VÊ-SE O MAR”

Maria Luísa de Castro Soares, A OMNIPRESENÇA DO MAR NA CULTURA PORTUGUESA: SUA EXPRESSÃO NA LITERATURA	8
Miguel Real, O MAR PORTUGUÊS.....	17
Nuno Sotto Mayor Ferrão, A POESIA PORTUGUESA: O MAR E A LUSOFONIA.....	23
Rodrigo Sobral Cunha, A EUROPA CULTA E O MAR PORTUGUÊS.....	25
Samuel Dimas, EPIFANIA: DA MINHA SERRA VEJO O MAR DO MUNDO, ILUMINADO PELA ESTRELA DA REDENÇÃO UNIVERSAL	31
Rui Martins, O MAR COMO DESÍGNIO NACIONAL	35
Pedro Cipriano, O MAR E O SER PORTUGUÊS	38
Luís G. Soto, A MULHER E O MAR.....	39
Lúcia Helena Alves de Sá, AO MAR LARGO, LONGO... QUE A VIDA É CURTA.....	43
José Manuel Malhão Pereira, A LÍNGUA PORTUGUESA NO MUNDO.....	45
José Leitão, DEAMBULAÇÃO	47
Joaquim Miguel Patrício, NÃO CULPEM NEM SACRALIZEM O MAR	49
Joaquim Domingues, ORFEU TRANSATLÂNTICO	54
Isaque de Carvalho, AO MAR LARGO, LONGO... QUE A VIDA É CURTA.....	54
Delmar Domingos de Carvalho, O MAR NO UNIVERSALISMO LUSÓFONO.....	60
Carmina H. Proença, A BAÍA DE SESIMBRA E A ALMA LUSA.....	64
Carlos Vargas e Luísa Janeirinho, O MAR, O AMOR E A LUSOFONIA	65
António Carlos Carvalho, AQUI À ESCUTA COM O MAR AO FUNDO.....	66
Almerinda Pereira, ARAR O MAR.....	68

AINDA SOBRE LEONARDO COIMBRA

Ângelo Alves, O CRIACIONISMO DE LEONARDO COIMBRA NA CONJUGAÇÃO DE IDEALISMO E REALISMO.....	74
António Braz Teixeira, O DIÁLOGO CRÍTICO DE LEONARDO COIMBRA COM BRUNO, JUNQUEIRO E PASCOAES	82
Manuel Ferreira Patrício, APROXIMANDO LEONARDO COIMBRA E VIKTOR FRANKL.....	92
Luís Tavares, HOMENAGEM A LUÍS DO ESPÍRITO SANTO, LEITOR DE LEONARDO COIMBRA.....	98
Joaquim Domingues, A TEORIA E A PRÁTICA DA EDUCAÇÃO EM LEONARDO COIMBRA	99
Carlos Aurélio, CRIACIONISMO: OCIDENTE, ARTE E VIDA POÉTICA	103

EVOCAÇÕES

A HONESTIDADE DE AGOSTINHO DA SILVA, por José Lança-Coelho	110
MEMÓRIAS AÇORIANAS DE AGOSTINHO DA SILVA	
VITORINO NEMÉSIO E ALBERTO MACHADO DA ROSA, por Eduardo Ferraz da Rosa	111
NOTAS SOBRE A PRESENÇA ARÁBICO-ISLÂMICA	
NA <i>IBÉRIA</i> DE FERNANDO PESSOA, por Fabrizio Bosaglia	123
AS LINHAS DE FORÇA DO PENSAMENTO HISTORIOGRÁFICO	
DE JAIME CORTESÃO, por Nuno Sotto Mayor Ferrão	130
SERIA DEUS UM ARTISTA?	
UM BREVE OLHAR SOBRE O MISTICISMO NA POESIA DE JOÃO DE DEUS, por Elisabete Francisco.....	136
LEONIDAS HELMUTH BAEBLER HEGENBERG (1925-2012), por José Maurício de Carvalho.....	139
MANUEL ANTÓNIO, O POETA DO MAR DA GALIZA, por Maria Seoane Dovigo.....	142
A UNIVERSALIDADE DE NUN'ALVARES PEREIRA, por José Eduardo Franco	144
O MAR E O MARÃO: A <i>NATUREZA</i> POÉTICA DE SOPHIA E DE PASCOAES, por Nuno Freixo	146
VEIGA PIRES: UM HOMEM, MUITAS VIDAS, por Alfredo Ribeiro dos Santos e Rui M. Gil da Costa.....	148

OUTROS VOOS

Adriano Moreira, ENTRE O PODER DA PALAVRA E A PALAVRA DO PODER.....	162
Constança Marcondes César, VULNERABILIDADE E FINITUDE	166
Elter Manuel Carlos, ENSAIO SOBRE O SENTIDO ÉTICO-ESTÉTICO DA LITERATURA E DA EDUCAÇÃO LITERÁRIA EM CABO VERDE.....	169
João Pereira de Matos, ÀS PORTAS DE ISHTAR.....	176
Manuel Ferreira Patrício, FILOSOFIA PARA CRIANÇAS NO ESPÍRITO DA FILOSOFIA SITUADA	178
Maria Leonor Xavier, O VALOR DA HISTÓRIA DA FILOSOFIA.....	181

J. Pinharanda Gomes, GLOSAS DE CULTO E CULTURA.....	187
Rui Tinoco, A CITAÇÃO CIENTÍFICA COMO ARMA SIMBÓLICA: CONSEQUÊNCIAS CULTURAIS.....	194

RUBRICAS

ENTRECAMPOS, de J. Pinharanda Gomes.....	200
DO ESPÍRITO DOS LUGARES, por Manuel J. Gandra.....	202
AS IDEIAS PORTUGUESAS DE GEORGE TILL, por Jorge Telles de Menezes.....	213
LITERATURA ORAL E TRADICIONAL, por Ana Paula Guimarães.....	214
CARTAS SEM RESPOSTA, por João Bigotte Chorão.....	215

BIBLIÁGUIO

<i>O QUE É O OCIDENTE?</i> , por Renato Epifânio.....	220
<i>SOBRE A SAUDADE</i> , por José Almeida.....	221
<i>AMORIM DE CARVALHO E DELFIM SANTOS</i> , por Mourão Jorge.....	222
<i>TIAGO VEIGA. UMA BIOGRAFIA</i> , por João Rasteiro.....	223
<i>DE CABINDA AO NAMIBE</i> , por J.P.A. Alves Ambrósio.....	228
<i>O ETERNO RETORNO DO FASCISMO</i> , por Eugénio Montoito.....	238
<i>PODER E MORALIDADE</i> , por Luiz Paulo Rouanet.....	240
<i>FÁRMACO</i> , por Joel Henriques.....	244
<i>TERRA PROMETIDA</i> , por António José Borges.....	246
<i>AUTOS DO FOGO ANALÓGICO</i> , por Pedro Martins.....	248
<i>ANTÓNIO MANUEL COUTO VIANA: MEMORIAL DO CORAÇÃO</i> , por António Cândido Franco.....	250

NOTICIÁGUIO

ELSA RODRIGUES DOS SANTOS (1939-2012).....	256
MANUEL LUCIANO DA SILVA (1926-2012).....	256
XIX PRÉMIO CARVALHO CALERO.....	258
I CONGRESSO DA CIDADANIA LUSÓFONA: PROGRAMA.....	258

POEMÁGUIO

Joaquim Carvalho, VIDA DE LUZ E DE SOMBRA (A CAMILO CASTELO BRANCO).....	7
António José Borges, ESCOL.....	64
Delmar Maia Gonçalves, EM DECLÍNIO.....	65
Carlos José Maria Gonçalves, COMO CÉU NO MAR.....	68
Gabriela Correia, PORTUGAL.....	68
Maurícia Teles da Silva, DE FINISTERRA A MAR.....	69
Sofia Varino, MAR NOVO.....	70
Helena Sanchez, LÁGRIMAS NO SAL.....	71
Maria Luísa Francisco, DA TUA CASA VÊ-SE O RIO.....	71
Marco Aurélio, ALENTEJO.....	71
Renato Epifânio, DO NOSSO MARRITÓRIO.....	72
Jesus Carlos, BRASIL DE PÊRO VAZ DE CAMINHA.....	73
Maria Leonor Xavier, TEMPO SUSPENSO.....	109
Eduardo Aroso, D. SEBASTIÃO EM MIM/ E, NO ENTANTO, ELA FALA-SE! / DAS EUROPAS.....	161
Jaime Oteló, SONETO III/ SONETO IV.....	195
Samuel Dimas, NO SAUDOSO VOO... / METÁFORA/ CONVERSÃO/ METAFÍSICA/ POETAS DO MAR E DO DESERTO.....	196
Catarina Inverno, FRUTOS EM FLOR.....	198
António Simões, QUANDO SE VIU.....	198
Abé Barreto Soares, CRIANÇAS PALESTINIANAS.....	199
João Canha Hespanhol, PARTO A MEIO A ROMÁ E.....	218
António Salvado, ANOS SE LEVA.....	219
António Manuel Couto Viana, ESTERTOR.....	254
António Telmo, AO SENHOR DOS MUNDOS.....	254
João Rasteiro, ESPERA UM POUCO (AO MANUEL ANTÓNIO PINA).....	255

MAPIÁGUIO.....	259
----------------	-----

ASSINATURAS.....	261
------------------	-----

COLECÇÃO NOVA ÁGUIA.....	260
--------------------------	-----

EDITORIAL

A ligação com o mar começa por ser um factor geográfico comum a todos os países de língua portuguesa, mas, como acontece com alguns “factores geográficos”, está muito para além disso. Com efeito, a forma como estamos no mundo, a forma como somos, sentimos e pensamos, não é apenas afectada pelo factor tempo – apesar deste ser o mais óbvio –, mas, igualmente, pelo factor espaço. Já foi muitas vezes referida, por exemplo, a influência da experiência espacial do deserto no pensamento árabe, em particular no que este tem de mais espiritual.

Partindo desse factor geográfico – de a ligação ao mar ser comum a todos os países de língua portuguesa –, procurámos, pois, neste número da NOVA ÁGUIA, pensar a ligação entre o mar e a Lusofonia, sugestivamente já referida por Vergílio Ferreira, quando escreveu: “Da minha língua vê-se o mar”. Em que medida o mar emerge na nossa língua, na forma como estamos no mundo, na forma como somos, sentimos e pensamos, eis, pois, em suma, o repto que lançámos aos nossos colaboradores, também eles unidos pelo mar por esse mundo fora.

Uma vez mais, como sempre tem acontecido, teve esse repto ampla resposta. Publicamos aqui cerca de duas dezenas de textos que, por diversas vias, têm em vista esse horizonte. De resto, já em números anteriores o havíamos assinalado, ainda que de forma subliminar. O nosso pensamento parece-nos ter, com efeito, essa marca “marítima” – daí o seu *anti-cousismo*, o seu *anti-substancialismo*, nalguns autores particularmente evidente (apenas para dar um exemplo, refira-se o conceito de “insubstancial substantivo”, de José Marinho), em contraponto com os pensamentos mais “continentais”, mais ligados à terra, ou seja, à fixidez e às fronteiras – e, por isso, menos propensos à mistura e à mestiçagem, marca maior da Lusofonia.

Como sempre tem acontecido, não se esgota este número na abordagem da temática central. Assim, publicamos ainda alguns textos sobre Leonardo Coimbra, esse pensador *anti-cousista* por excelência, por nós homenageado no número anterior, por ocasião dos 100 anos

da publicação da sua obra *O Criacionismo*. A par de Leonardo Coimbra, evocamos uma série de outros autores: de Agostinho da Silva, o grande pensador, entre nós, da Lusofonia, até Teixeira de Pascoaes, o poeta maior da “Renascença Portuguesa” (cujo centenário celebrámos em 2012), passando, entre outros, por Fernando Pessoa, Jaime Cortesão e João de Deus.

Isto para além das secções já clássicas: “Outros Voos”, com a habitual colaboração de Adriano Moreira; “Rubricas”, desde o nº 9 da NOVA ÁGUIA reforçadas com as “Cartas sem resposta” de João Bigotte Chorão; “Bibliáguio”, onde destacamos, a fechar, a justa homenagem que é feita, por António Cândido Franco, ao poeta Couto Viana; “Noticiáguio”, onde, desde logo, evocamos os recém-falecidos Manuel Luciano da Silva e Elsa Rodrigues dos Santos, para além de publicarmos o Programa do I Congresso da Cidadania Lusófona, onde estaremos presentes; sem esquecer o “Poemáguio”, onde, como sempre tem acontecido desde o primeiro número da Revista, publicamos uma série de poemas – destaque-se, neste número, a publicação de um poema de António Telmo, bem como um poema de homenagem a Manuel António Pina. Como também tem sempre acontecido, ficaram muitos textos por publicar – desde logo, o já aqui anunciado dossiê sobre o poeta Ramos Rosa. Procuraremos publicá-lo no próximo número da revista, onde a figura em destaque será António Quadros, por ocasião dos 20 anos da sua morte, a par de outros autores que evocaremos, nomeadamente: Orlando Vitorino e Eduardo Abranches de Soveral (ambos falecidos há 10 anos), Heraldo Barbuy (nos 100 anos do seu nascimento, em São Paulo) e Silvestre Pinheiro Ferreira (nos 200 anos do início das suas famosas *Preleções Filosóficas* no Real Colégio de S. Joaquim, no Rio de Janeiro). Em 2013, a NOVA ÁGUIA manterá, assim, o seu voo cada vez mais ascendente e “marítimo”, não fosse o mar, precisamente, nas lapidárias palavras de António Quadros, “a imagem eterna do caminho”.

Leonor Teles), asserção que mais importa meditar quando se pondera uma obra tão tributária da tradição cavaleiresca como é o caso desta.

3. Até agora, analisámos o título da obra, num exercício de leitura manifestamente profícuo. Chegou, entretanto, o momento de se levar em conta o subtítulo e a epígrafe, partículas em estreita conexão.

No frontispício, António Cândido Franco descreve-nos estes seus *Autos do Fogo Analógico* como “cenos de teatro para acordar a História do sono da realidade ou para a livrar do cárcere da verdade despertando-a para o mistério da Poesia e para o Sol incriado que arde sem se ver”. É de crer que, quando por este modo escreve e descreve, se estribe no sustentáculo da melhor doutrinação surrealista, pois que, logo de seguida, transcreva, como epígrafe, um excerto de André Breton, datado de 1952:

Cada vez estou mais convencido de que a História, tal como tem sido escrita, é uma trama de perigosas infantilidades, tendente a fazer-nos tomar por realidade acontecimentos que dessa realidade apenas são a projecção exterior, falaciosa, brilhantemente colorida pela hemoglobina das batalhas.

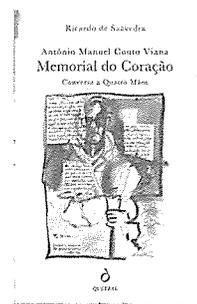
Segundo creio, não andaremos longe do que vem de ser visto se, em paralelo, vogarmos na *Poética* de Aristóteles, onde se diz ser a Poesia mais filosófica e mais elevada do que a História, pelo modo como transfigura os factos, universalizando-os sob os aspectos da possibilidade e da verosimilhança. Não desconvém, por certo, à perspectiva clássica do Estagirita uma dramaturgia de tão forte ideação como a de Cândido Franco, e que ascende à teorese pela mestria cenicamente depositada na concreção simbólica e alegórica, com que reinventa a textura do pano de fundo historicista em que se inscreve.

Mas é também – ou sobretudo – no plano da atitude moral do autor que devemos procurar surpreender, e compreender, o fundo desencanto que o seu olhar límpido projecta sobre Clio. Daí a repugnância manifestada perante a farsa hipócrita – “A bruxa vai a santa”, denuncia um dos pajens – e, o que é mais, facínora, de um processo de canonização em que quem pretende

conferir a distinção da santidade está absolutamente impedido, ora de a poder reclamar, ora de a poder reconhecer à luz rigorosa, mas declinada, da ortodoxia professada. Deste modo, a inscrição de Isabel na tabela hagiológica há-de surgir, aos olhos do outro pajem, como uma imolação de Deus ao Diabo, ou transformação de “uma Fada numa pedra morta” – e neste ponto o dramaturgo encontra-se já bem próximo da galeria imagética que perpassava o *trobar clus* da *Fede Santa*.

De um tal ponto de vista, o “Auto da Casa de Avis” reveste-se de ampla significação. É pelo enaltecimento imprevisto, ou improvável, de Leonor Teles que António Cândido Franco, como quem desmentisse a nomeada aleivosa que a regente abdicante granjeou, conduz ao paroxismo, em insurgente visão libertária, a sua impugnação da História e dos jogos de poder cujo prevalecimento dita a falsidade das crónicas. O assomo alegórico de personagens anacrónicas como a mendiga e o director do Jardim Zoológico permite estabelecer, no final deste terceiro auto, uma eficaz tensão dialéctica, tendente a afirmar os supremos valores da liberdade e da verdade, do mesmo passo que, pela instauração de semelhante ruptura cronológica, se lança já o arco da ponte sobre a margem contemporânea em que se celebram *As Bodas Alquímicas*.

Por tudo isto, mas também pelo ministério magistral da palavra, ora no opulento vernáculo que reconstitui uma época, ora na concisão despojada, e por isso mesmo eficaz, com que se prestam os informes, estes *Autos do Fogo Analógico* inscrevem no delírio ígneo, mas lúcido, das suas laudas a marca de água por que se reconhecem as obras-primas.



ANTÓNIO MANUEL COUTO VIANA: MEMORIAL DO CORAÇÃO¹⁷

António
Cândido Franco

¹⁷ Texto lido na Feira do Livro de Lisboa, no dia 4 de Maio de 2012.

Quero, antes de mais, agradecer ao autor presente, Ricardo de Saavedra, e à editora do livro (Quetzal), na pessoa da Dr.^a Lúcia Pinho Melo. Quero depois agradecer a duas pessoas que de forma especial contribuíram para a forma final deste livro, o filho do poeta António Manuel Couto Viana, Juan Soutullo, que enriqueceu o conjunto com uma preciosa iconografia, e a esposa de Ricardo de Saavedra, a Dr.^a Helena Briosa e Mota, que deu um contributo inestimável no apoio técnico e na revisão do livro, além de ter sido a voz que pela primeira vez me convidou a estar aqui presente.

Quero dizer, antes de mais, que este é um livro raro. E é um livro raro, porque, ao contrário daquilo que habitualmente acontece, tem dois autores. Temos entre nós um dos deles, Ricardo de Saavedra, mas não infelizmente o outro, António Manuel Couto Viana, entretanto falecido. De qualquer modo é um livro de autoria dupla, que não se entende sem os dois. Por isso o livro apresenta como subtítulo *Conversa a Quatro Mãos*.

Um livro a quatro mãos é sempre um livro que exige um pacto entre os dois autores. Tal pacto pode ser de natureza muito diferente. No nosso caso, a convenção é simples: Ricardo de Saavedra pergunta e António Manuel Couto Viana responde. Mas tal pacto entre os dois não vai sem que se acrescente que as perguntas do primeiro são direccionadas para que António Manuel Couto Viana nos conte a sua vida.

Não é preciso mais para percebermos que uma convenção entre Ricardo de Saavedra e Couto Viana deste tipo implica necessariamente um livro muito extenso. Couto Viana viveu 87 anos e publicou mais duma centena de obras em domínios tão diversos como a poesia lírica, o teatro, a gastronomia e o ensaio, isto para não falar das antologias que organizou, das dezenas e dezenas de prefácios que escreveu, das muitas traduções e adaptações que fez, das intermináveis colaborações que deu aos jornais e das centenas e centenas de desenhos que assinou e que constituem só por si uma rica manifestação do seu esmero criador.

Além desta vasta obra, Couto Viana viveu em vários sítios do planeta, percorreu as sete partidas do mundo, viveu três anos no Oriente, viajou

por quase todos os continentes, conheceu milhares e milhares de pessoas, fez teatro, foi encenador, cenógrafo e actor. Teve em resumo uma vida rica e cheia. Contar um tal itinerário, mesmo resumidamente, demora muito tempo; era pois forçoso que este livro acabasse volumoso, com mais de 500 páginas, tal como ficou.

Se quisermos agora perceber um pouco a morfologia interna do livro, a primeira constatação a fazer é que as perguntas são muito mais curtas do que as respostas. Nesse sentido, à primeira vista, Ricardo de Saavedra teve um papel muito menor do que o de Couto Viana. Dava apenas o pretexto, em geral duas ou três linhas, para Couto Viana se alongar nos seus casos, por vezes ao longo de várias páginas. Isto é todavia a aparência. Há um facto neste livro que não pode ser esquecido: Couto Viana não se deixava entrevistar – é dum livro-entrevista que aqui tratamos – com registo mecânico. Logo para se obter o seu discurso foi preciso neste livro tomar notas escritas daquilo que o entrevistado dizia e posteriormente reconstruir com elas o fluxo das respostas. O papel de Ricardo de Saavedra deixa assim de ser o do transcritor ou o do relator fiel daquilo que se encontra numa fita magnética para passar a ser o do re-construtor. Ricardo de Saavedra, o entrevistador, teve assim um protagonismo de primeiro plano neste livro, qualquer coisa como setenta a oitenta por cento do trabalho total. Elaborou as perguntas, ouviu Couto Viana, tomou nota das suas palavras e a seu modo teve de colaborar na elaboração das respostas. Era inevitável. Não havendo fita magnética com registo gravado, Saavedra não pôde evitar este papel de reconstruir, modelar e ajustar o discurso de Couto Viana.

Isto quer dizer que em vez de estarmos diante de uma autobiografia, estamos diante de uma biografia. Razão teve pois a editora, fazendo jus à natureza do trabalho que editou, em colocar na badana da contracapa a seguinte indicação: Biografia de António Manuel Couto Viana (e não Autobiografia de António Manuel Couto Viana). Sublinho a importância que Ricardo de Saavedra teve na construção do conjunto. Com isto não quero dizer que a voz e a palavra de Couto Viana não estejam vivas neste livro. Estão. Mas essa vida, dadas as circunstâncias que relatei, deve mais ao entrevistador do que ao entrevistado.



Couto Viana é trabalhado por Ricardo de Saavedra como uma personagem; ele apropria-se de Couto Viana como duma construção sua. Não uma personagem de romance, mas uma personagem de biografia, uma personagem real, personagem que não é ficcional nem ficcionada, mas apenas restituída à realidade. Fá-lo na construção do discurso de Couto Viana, já que não houve registo mecânico de voz. E talvez valha a pena acrescentar que uma parte importante do livro foi elaborada numa altura em que Couto Viana já não pôde sequer fazer a revisão do texto.

Podíamos pressupor que esta entrevista, não tendo registo magnético, tinha obrigatoriamente de passar pelas mãos do autor entrevistado. E assim se fez até ao ponto em que isso foi possível. Com o falecimento de Couto Viana em 2010 houve uma parcela significativa do texto que ficou à responsabilidade de Saavedra, quer para fazer a montagem do discurso de Couto Viana, a partir das notas escritas, como se faz para uma personagem de ficção, quer para a revisão posterior, que o entrevistado já não pôde acompanhar. Dupla ou tripla responsabilidade de Saavedra pois na construção do livro.

Para terminar, gostaria de dizer duas palavras sobre Ricardo de Saavedra e António Manuel Couto Viana, que são os dois mentores do livro que temos entre mãos.

Em primeiro lugar, Ricardo de Saavedra. Este livro é fiel a todo o seu percurso anterior. Diria até que ele é uma síntese feliz do trabalho anterior de Ricardo de Saavedra, primeiro no registo jornalístico, a que dedicou uma longa vida, de Moçambique a Lisboa, depois no registo poético e ficcional, antes de mais o romance *Os Dias do Fim*, dedicado aos últimos meses de domínio português em Moçambique antes do Acordo de Lusaka, de Abril a Setembro de 1974.

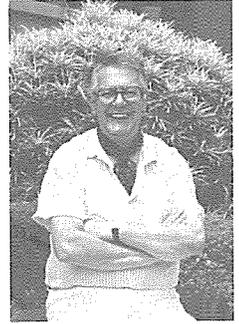
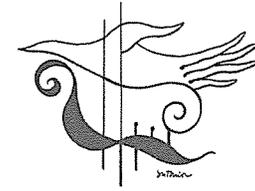
Este novo livro, tão seu por direito largo, querendo restituir um documento vivo, a vida de

António Manuel Couto Viana, faz uma síntese feliz entre os dois registos anteriores, criando um documento real e ao mesmo tempo intransmissível. Recordo que momentos há em que Saavedra trabalha Couto Viana como se fosse uma personagem sua, uma personagem do seu próprio discurso.

O que é digno de nota neste livro é que ao lermos as intervenções de Couto Viana, mesmo aquelas que ele já não reviu, nós temos a verosimilhança da voz que fala, aceitamos sem qualquer dúvida que é a voz do autor de *Mancha Solar* que ali está a falar. Isso é notável! E mostra que Ricardo de Saavedra soube trabalhar neste livro a sua personagem de forma pessoal, sem nunca trair aquilo que aqui era essencial, a verosimilhança do discurso de Couto Viana.

Deixem-me dizer, a biografia, a biografia como género literário – e reafirmo que a editora fez muito bem em considerar este livro como uma biografia –, a biografia como género literário é o mais documentado e o mais documental dos géneros ficcionais mas é também, ao mesmo tempo, o mais imaginativo e o mais ficcional dos géneros documentais. É uma síntese muito feliz do documento humano e ao mesmo tempo da necessidade que o biógrafo tem de recortar a sua personagem, de a individualizar como se fosse uma criação sua. E é isso que o leitor encontra plenamente realizado neste livro.

Uma última palavra para António Manuel Couto Viana. Pego numa passagem do livro que está no *Memorial do Coração* (p. 360), em que Couto Viana (ou Saavedra por ele) recorda um passo crítico de João Bigotte Chorão, que com muito gosto eu vejo hoje entre nós. Diz ele que o ano do nascimento de Couto Viana foi ano de colheita excepcional. Nesse ano – falo de cor e por certo me falhará alguém –, para além de António Manuel Couto Viana, nasceram em Portugal Eduardo Lourenço, Eugénio de Andrade,



Urbano Tavares Rodrigues, Natália Correia, Mário Cesariny, Luís Amaro, António Quadros ou Fernando de Passos. De qualquer maneira nesta amostra todos nós percebemos que 1923 foi de facto um ano cheio, gordo, duma excelente colheita em todos os sentidos.

Gostava de juntar aqui dois nomes ao de Couto Viana, num triângulo, numa tríade, que me parece muito pertinente para se perceber o lugar de Couto Viana na poesia portuguesa do seu tempo. Eis os três vértices desse triângulo equilátero, em que nenhum se afasta ou se aproxima, sempre equidistantes, sempre equilibrados entre si: Natália Correia, Mário Cesariny e Couto Viana. São três grandes poetas do séc. XX, dos maiores de sempre.

Ligar Couto Viana a Cesariny e Natália é dar destaque a um Couto Viana muito particular, o do *Relatório Secreto* (1963), que nem sempre é tido na conta que merece. Couto Viana é um poeta tão variado, tão múltiplo, tão rico, que o risco é, ao escolher uma parte em detrimento da outra, esquecer aquilo que nele em conjunto mais importa. João Bigotte Chorão viu muito bem na nota que escreveu para a contracapa do livro *60 Anos de Poesia*, publicado em 2004 pela Imprensa Nacional, que Couto Viana com esse Livro deixou de ser um simples poeta para passar a ser um autêntico vate, um vaticinador.

O *Relatório Secreto* é um livro maior. Não é por acaso que na entrevista a Ricardo de Saavedra, Couto Viana escolhe o *Relatório Secreto* como o seu livro capital. É de facto um livro desmedido, que o liga ao surrealismo e lhe permite triangular com Cesariny e Natália uma das mais belas e majestosas constelações da poesia portuguesa do tempo.

Com isto, quero dizer o quê? Que Couto Viana é um grande poeta. É só isto que quero afirmar. Ao chamar a ligação entre Couto Viana e o surrealismo de Mário Cesariny, quero apenas dizer esta coisa simples: Couto Viana é um dos grandes prestidigitadores da poesia portuguesa de sempre.

Ao contrário do que parece, e por vezes nos fazem crer, Couto Viana não é apenas um poeta lírico. Não por acaso tivemos entre nós, aqui, há pouco, alguém que nos chamou à atenção para a importância que a dramaturgia teve na escrita e na vida deste homem. Trata-se, de facto, de um poeta dramático no sentido fundo e até trágico que Aristóteles deu à palavra. É um poeta que está muito para além do simples lirismo quotidiano, realista e fotográfico. É dum vate que estamos a falar, meus senhores!

Todas as homenagens a Couto Viana são justas e merecidas. Recordo aqui uma homenagem que foi feita já este ano ao Poeta, em Janeiro de 2012, numa pequena editora de versos, a Averno. Manuel de Freitas e Luis Miguel Gaspar, em parceria, o primeiro com uma nota, o segundo com cinco desenhos, deram à estampa um pequeno livro chamado *Cinco Rosas* para António Manuel Couto Viana. É um preito inteiramente merecido, que dignifica também o poeta pela qualidade que tem.

Este livro que temos hoje nas mãos, o *Memorial do Coração*, é também uma homenagem merecida e esperada, que nobilita além disso sem mancha a memória que guardamos do Homem, esse com quem ainda convivemos e com quem aprendemos uma lição de generosidade e de amor à vida, que sempre agradeceremos com penhor e gratidão.